

VESTÍGIOS DE LUCÍLIO: A IMAGEM DO LEITOR NO LIVRO I DAS *EPISTULAE MORALES* DE LÚCIO ANEU SÊNECA

Ana AZEVEDO BEZERRA

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

Resumo: Nossa pesquisa visa considerar, no primeiro livro das *Epistolas Morais* (*Epistulae Morales*) de Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.), que imagem se pode depreender acerca do destinatário das cartas, Lucílio Júnior (*Lucilius Iunior*). A importância do destinatário para o gênero epistolar é apontada pelo próprio Sêneca, ao afirmar que as cartas “trazem verdadeiros vestígios do amigo ausente” (*vera amici absentis vestigia*, *Ep.* 40,1). Nossa hipótese é de que observar de modo atento tais vestígios de Lucílio nas *Epistulae Morales* pode ajudar numa melhor compreensão da obra, por exemplo, quanto à já problematizada falta de sistematicidade do texto senequiano (De Pietro 2013; Silveira 2014). Além disso, considerar as epístolas de modo mais amplo, i.e. como um convite à filosofia, torna o destinatário evocado, mesmo se personagem histórico, num Lucílio-leitor das cartas - e este, em última instância, reflete e direciona de algum modo cada leitor, inclusive da nossa era moderna - que se proponha a ler a obra do filósofo.

Palavras-chave: Clássicas, Sêneca, *Epistulae Morales*, leitor, Lucílio

INTRODUÇÃO

Quam jucunde vero sint absentium littere amicorum, ipse nos exemplo proprio Seneca docet, ad amicum Lucilium quodam loco sic scribens: Quod frequenter michi scribis, gratias ago. “O quão agradáveis são as cartas de amigos ausentes, isso nos ensina, com seu próprio exemplo, Sêneca, em certa passagem em que escreve: ‘obrigado por me escrever com frequência.’” (Abelardo, *Lettres d’Abelard et Héloïse*, p. 138)

A obra epistolográfica de Sêneca (*Lucius Annaeus Seneca*, 4 a.C.-65 d.C.¹), as *Epistolas Morais* (*Epistulae Morales*), consiste numa coletânea de cartas que o filósofo romano escreveu a seu discípulo Lucílio. Nessas cartas, lemos sobre um Sêneca em fim de vida² que, de acordo com Braren (1999, p. 39), não escolhe ingenuamente a forma epistolar, e sim porque esta tem a propriedade de oferecer uma doutrinação filosófica, mas sem o

1 Conte (1994, pp. 408-409).

2 Para uma discussão quanto à datação das cartas (normalmente tomada como de 62-64/65 a.C.), cf. Braren (1999, p. 39) e Berno (2006, p. 11).

rigor de um tratado. De fato, já se discutiu bastante uma suposta falta de sistematicidade nessa obra senequiana, em que os temas das cartas não seguem uma ordenação global única, mas “se sucedem ao sabor das reflexões do momento”³. Uma questão de que trataremos ao longo de nossa pesquisa (ainda em fase incipiente) é precisamente de que modo a figura do destinatário se relaciona a essa alegada arbitrariedade nos temas e na argumentação do primeiro livro de *Epístolas*. Neste artigo, vamos observar mais especificamente a imagem de Lucílio na primeira carta da obra.

Ita fac, mi Lucili: uindica te tibi, et tempus quod adhuc aut auferebatur aut subripiebatur aut excidebat collige et serua.
(*Ep.* 1.1, grifos nossos)⁴

“Faça assim, Lucílio meu: reclame você para si mesmo, e o tempo que até o dia de hoje lhe tinha sido roubado, ou furtado, ou mesmo o que lhe resvalava, ajunte-o e preserve-o.”⁵

Podemos observar que Sêneca começa a primeira de suas cartas direcionadas a Lucílio com uma enfática expressão exortativa. Com ela, de acordo com Scarpat (1975, p. 25), Sêneca está fazendo um convite à filosofia que é direcionado nominalmente a seu Lucílio, ali evocado (*mi Lucili*). O convite imediatamente introduz um dos pressupostos principais para que haja a atividade filosófica: o tempo (*tempus*) a ser a ela dedicado. No entanto, segundo pondera o estudioso, uma vez que Lucílio já estudava filosofia, e, portanto, já era um aprendiz (um *proficiens*), tal convite poderia soar supérfluo se tivesse como único destinatário o interlocutor mencionado.

O pressuposto de Scarpat pode ser inferido também de outros aspectos da carta inicial. Nela, Sêneca recomenda não que Lucílio comece do zero, e sim que dê continuidade a uma atividade já iniciada antes do *incipit* da primeira missiva do epistolário⁶:

Fac ergo, mi Lucili, quod facere te scribis, omnes horas complectere, sic fiet ut minus ex crastino pendeas, si hodierno manum inieceris. Dum differtur vita transcurrit. (*Ep.* 1.2, grifos nossos)

“Faça, por isso, Lucílio meu, exatamente o que você me diz estar fazendo, seja dono de cada hora sua, e você há de depender o menos possível do amanhã, se agarrar o dia de hoje. Enquanto nos distraímos, a vida transcorre”.

3 Braren (1999, p. 39).

4 O texto latino é citado da edição de Reynolds (1965).

5 Salvo indicação diferente, a tradução é de nossa autoria. Braren (1999, p. 42) vê na expressão senequiana *uindica te tibi et tempus* o uso do verbo *uindicare* (“reivindicar”) com dois acusativos (*te* e *tempus*, i.e. “reivindique para você a si mesmo e o tempo”). Ela vê ali, portanto, dois complementos verbais, que representariam duas oposições importantes na carta em apreço: de um lado, o ser humano em contexto temporal de um lado, e, de outro lado, o tempo num contexto pontual.

6 “Ci fa pensare, più che a um inizio, ala continuazione di um discorso col quale si ribadisce um consiglio ripetutamente dato; poiché si tratta della prima lettera, questo ita fac riallaccia le conversazioni frequenti com l’amico ala lettera, nuovo tipo di colloquio”. Scarpat (1975, p. 34).

Para a hipótese de que as cartas dão continuidade a um diálogo já iniciado (e, portanto mais amplo) entre o filósofo e o seu amigo, corrobora também a constatação de que a obra epistolar começa e termina *ex abrupto*, como nos lembra Canfora (2006, p. 38). Mas, podemos pensar que, ainda que comprovada, a existência de tal diálogo fora das cartas não restringiria necessariamente o destinatário: um outro aspecto que corrobora para a percepção de que o leitor visado nas cartas seria mais amplo do que o destinatário evocado é a escassez de elementos estritamente pessoais.⁷

Tais aspectos da composição das *Epistulae Morales* tornam o eventual Lucílio-personagem histórico num Lucílio-leitor das cartas. Este, em última instância, pode refletir de algum modo cada leitor que se proponha a ler a obra. Lucílio é o aquele com quem o leitor das epístolas senequianas tende a se identificar, mesmo que esse leitor viva em época posterior - quer na Idade Média de Abelardo e Heloísa (como indicamos em nossa epígrafe), quer, ainda, em nossa era⁸.

Das poucas linhas da primeira epístola até agora apreciadas, percebemos também que o texto (mesmo sem oferecer detalhes) dá a entender que há uma relação de amizade íntima entre os dois missivistas: em *mi Lucili* (“meu caro Lucílio”) há “o calor de uma exortação feita a um amigo” (Scarpit 1975, p. 26). Esse vocativo, com pronome possessivo de valor afetivo, é retomado em outras partes da primeira carta (nos parágrafos 1, 2 e 3).

Mas, uma pergunta que desperta nossa atenção é: quem seria esse amigo? O que sabemos de Lucílio que possa caracterizá-lo como personagem histórico? E, mais importante, de que modo as características de Lucílio que se delineiam nas epístolas guiam o olhar do leitor universal dessa obra? Essas questões, que orientam nossa investigação, serão aqui brevemente abordadas à luz de excertos de uma amostra de *Epístolas*.

VESTÍGIOS DE LUCÍLIO

Lucilius Iunior provavelmente nasceu na Campânia (*Ep.* 49, 1) e foi um procurador (*Ep.* 19, 5) atuante na Sicília no I século a.C. (*Ep.* 40, 2). Seu cognome (*iunior*) o qualifica como “mais jovem” em relação a algum parente; estima-se, além disso, que talvez tivesse

⁷ Canfora (2006, p. 38) chega a aventar a hipótese (inverificável) de que o próprio Sêneca teria eliminado tais dados ao editar as cartas para a publicação. Seja como for, concordamos com Braren (1999, p. 41) e Bero (2006, p. 16): o fato (constatável nas cartas dessa obra como um todo) de que há poucos dados da vida privada de Lucílio leva ao dito efeito de uma universalização do leitor.

⁸ “Il proficiens zelante ma non troppo, sensibile alle seduzioni dela massa, il caro amico (mi Lucili, Lucili carissime) cui si rivolgono tante opere senecane, in um ultima analisi, sono i posteri. Siamo noi.” Bero (2006, p. 16).

cerca de dez anos a menos que Sêneca (Berno, 2006, p. 14). Ele pertencia à classe social dos cavaleiros (*Ep.* 44, 1)⁹. Segundo Sêneca, Lucílio teria escrito um livro (*Ep.* 46), mas seu título não é indicado nas epístolas. A ele se costuma atribuir a obra *Etna* (*Aetna*), que trata em versos acerca da origem do referido vulcão na Sicília, e já se chegou a cogitar que o poema *Ciris* e tragédia *Octauia* fossem de sua autoria (Hermann 1958, pp. 38-44; cf. Berno, 2006, p. 13, n. 9). Na verdade, a obra *Etna* já foi também atribuída a diversos autores (Virgílio, a Cornélio Severo e a Manílio); mas a hipótese que atribui a autoria desse poema a Lucílio se embasa na *Ep.* 79,5.¹⁰

Como se pode notar, todas essas informações ou hipóteses sobre a vida de Lucílio são amparadas nas *Epistulae Morales*¹¹. Isso explica por que motivo numerosos estudiosos já chegaram a considerar que o destinatário tenha sido uma mera invenção de Sêneca.¹² Contudo, muitos também são os críticos que sustentam a existência de Lucílio.¹³

Em nosso estudo, pretendemos analisar com mais cuidado as passagens referentes a Lucílio nas cartas senequianas. Para tanto, vamos levar em conta as principais fontes antigas e argumentos que embasam ambas as posições na pesquisa moderna sobre a existência e identidade de Lucílio. No entanto, não é nosso objetivo principal responder a essa questão acerca de sua historicidade. Antes disso, a ideia é observar de que modo se dá a construção da identidade de Lucílio no corpus em estudo, levando em conta também os efeitos de tal elaboração. Dentre eles está precisamente a verossimilhança quanto à imagem desse destinatário; mas também o efeito de persuasão ou exortação, de modo mais geral, que tal imagem possa exercer junto ao leitor interessado em conhecer a prosa e filosofia senequiana. No próximo item, apresentaremos, ainda em forma de questões, uma breve amostra de alguns dos possíveis aspectos do texto senequiano em cuja apreciação o foco na imagem de Lucílio pode colaborar.

3. O DESTINATÁRIO E O FILÓSOFO

A função do destinatário na configuração de um texto em geral tem sido objeto de diversos estudos recentes em Letras Clássicas, com destaque para os que adotam uma

9 Berno (2006, pp. 14, 16).

10 Dentre os estudiosos que atribuem a autoria de Etna a Lucílio está Herrmann (1958), apud Goodyear (1965, pp. 56-69), que discorre sobre o assunto.

11 Os estudiosos consultados fazem ainda referências a fontes posteriores às cartas, que talvez se amparem nelas. Ainda vamos analisar com atenção tais textos em próxima etapa do trabalho.

12 Duvidam de que Lucílio tenha existido, por exemplo: Cancik (1967, pp. 54-57); Maurach (1970, pp. 196-97); Abel (1981).

13 Sustentam a possibilidade de que Lucílio tenha sido um personagem histórico, por exemplo: Thraede (1970, pp. 65-74); Cugusi (1983, p. 200); Grimal (1966); cf. discussão em Berno (2006, p. 14, n. 10).

abordagem intertextual¹⁴. No texto epistolográfico, tal papel é ainda mais evidenciado, como discorre Sêneca no passo a seguir:

Quod frequenter mihi scribis gratias ago, nam quo uno modo potes te mihi ostendís. Numquam epistolam tuam accipio ut non protinus una simus. Si imagines nobis amicorum absentium iucundae sunt, quae memoriam renovant et desiderium [absentiae] falso atque inani solacio levant, quanto iucundiores sunt litterae, quae vera amici absentis vestigia, veras notas adherunt? Nam quod in conspectu dulcissimum est, id amici manus epistolae impressa praestat, agnoscere. (Ep. 40.1)

Obrigado por me escrever com frequência, pois este é o único meio pelo qual você é capaz de se fazer presente para mim. Nunca recebo uma sua carta sem que, logo a seguir, venhamos a estar juntos. Se, para nós, os retratos dos nossos amigos ausentes são agradáveis, de forma tal que renovam a recordação e a saudade, e confortam com um imaginário e ilusório alívio, quão mais agradáveis são as cartas, que nos trazem verdadeiros vestígios e traços autênticos do amigo ausente? Pois, o que há de mais doce no *tête-à-tête* é o que a mão do amigo impressa na carta oferece: reconhecê-lo¹⁵.

No caso do gênero epistolar em geral, se cartas são, como diz o próprio Sêneca, no excerto acima “vestígios do amigo ausente” (*amici absentis vestigia*, Ep. 40,1)¹⁶, é de se perguntar em que medida a imagem de Lucílio faz parte da constituição do diálogo travado nas epístolas a ele dirigidas, e às quais, diversas vezes, segundo o texto das cartas, ele teria respondido.

Nesse sentido, procuraremos observar, por exemplo, que aspectos da idade, proveniência, atuação profissional, classe social, e mesmo da atividade de escritor de Lucílio acima referidos se refletem no tom, vocabulário, tema, pressupostos das cartas senequianas que iremos apreciar em nossa investigação.

Na epistolografia antiga, escrever uma carta significava também ofertar algo¹⁷; esse aspecto é evidente nas epístolas senequianas desde a primeira carta. Em várias delas, Sêneca oferece ensinamentos através de máximas (*sententiae*), tais como a acima referida: “enquanto nos distraímos, a vida transcorre” (*Dum differtur, vita transcurrit*. Ep. 1, 2)¹⁸. Em que medida o tipo de “brinde” ofertado nos oferece também uma imagem do destinatário, e do nível de aprendizado em que se encontra?

14 Sobre a imagem do destinatário nessa metodologia, cf. Barchiesi (1997); Fowler (1997); e Cardoso (2009), que discute a questão da “encenação” do leitor nos estudos intertextuais.

15 *Nam quod in conspectu dulcissimum est, id amici manus epistolae impressa praestat, agnoscere*: Noblot (na edição de Prechat, Seneca, 2002, p. 105) traduz “Le trace d’une main amie, imprimée sur les pages, assure ce qui’il y a de plus doux dans la présence : retrouver” ; Gummere (1996, p. 265): “For that which is sweetest when we meet face do face is afforded by the impresso of a friend’s hand upon his letter, - recognition” ; Segurado e Campos (2004, p. 136): “A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro directo”.

16 Cf. Braren (1999, p. 41); Barucci (2009, p. 13).

17 Cf. *polliceri aliquid* (“ofertar algo”) em Cic. Fam. 4, 13, 6; Fam. 6, 10, 6; Braren (1999, pp. 42-43).

18 Sobre o uso de *sententiae* e a parenética senequiana, cf. Silveira (2014). Sobre implicações referências a presentes na literatura romana antiga, cf. Stockinger (2015).

Essa pergunta se dá porque, quanto ao conteúdo filosófico tanto das *sententiae*, quanto das epístolas de Sêneca, é de se perguntar ainda se e de que modo a progressão das cartas (tais como editadas modernamente)¹⁹ reflete a imagem de Lucílio enquanto um *proficiens*, i.e., enquanto alguém “que progride” com o passar do tempo, mediante o diálogo travado na correspondência com seu mestre (que se coloca, também ele, como um *proficiens*, só que em fase mais avançada que Lucílio).²⁰

Berno (2006, p. 15) assume que Lucílio é uma imagem de todo aquele leitor das cartas que esteja ainda incipiente no aprendizado da filosofia estoica. Nossa questão quanto a esse ponto é: de que modo tal imagem de leitor (que como vimos, é um iniciante, mas já com certa experiência) é construída nas cartas, e de que maneira, com a leitura dos textos, se pode observar (ou pressupor) sua progressão?

Em discussões recentes sobre a obra filosófica senequiana, estudiosos (entre eles De Pietro (2008, 2013) e Silveira (2011, 2014) têm apontado o recurso das “imagens” (por exemplo, da medicina, da vegetação, do corpo humano) como uma das formas de nela se perceber uma coerência argumentativa maior do que a perceptível à primeira vista. Em nossa investigação, que terá como *corpus* o primeiro livro de cartas senequianas, procuraremos perceber se a imagem de Lucílio, o interlocutor explicitamente nomeado, pode também ter tal efeito.

É dessa forma que, com nossa investigação das *Epistulae Morales* sob o ponto de vista do destinatário, pretendemos contribuir para a compreensão da elaboração e do sentido das cartas a Lucílio, bem como para uma apreciação mais precisa do *modus faciendi* do filósofo romano Sêneca.

BIBLIOGRAFIA

- ABEL, K. (1981). “Das Problem der Faktizität des Senecanischen Korrespondenz”, *Hermes* 109, pp. 472-99.
- BARCHIESI, A. (1997). “Otto punti su una mappa dei naufragi”, in *Materiali e discussioni* 39, pp. 209-26.
- BARUCCI, G. (2009). *Le solite scuse. Un genere epistolare del Cinquecento*. Franco Angeli, Milano.
- BERNO, F.R.; SENECA (2006). *Lettere a Lucilio, libro VI: Le lettere 53-57*. Pàtron Editore, Bologna.

19 Sobre critérios de edição moderna das cartas, ainda consultaremos Reynolds (1983). Sobre a cronologia das cartas, entre outros estudos consultaremos Grimal (1966) e Mazzoli (1989), referidos por Berno (2006, p. 12). Ainda vamos investigar a hipótese quanto a haver um nível crescente de pressupostos técnicos da filosofia estoica proporcional à progressão das cartas. Agradecemos a Matheus Clemente de Pietro pela discussão sobre o assunto.

20 Sobre o papel do aprendiz (*proficiens*) e do sábio (*sapiens*) na filosofia estoica de Sêneca, cf. Bregalda (2006).

- BRAREN, I. (1999). “Por que Sêneca escreveu epístolas?” in *Letras Clássicas*, 3, pp. 39-44.
- BREGALDA, M. M. (2006). *Sapientia e uirtus: principios fundamentais no estoicismo de Seneca*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000380256>> Acesso em: 14 nov. 2015.
- CANCIK-LINDEMAIER, H. (1967). *Untersuchungen zu Senecas epistulae Morales*. Olms, Hildesheim.
- CANFORA, L. (2006). “L’autobiografia intellettuale”. In CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. *Lo spazio letterario di Roma antica*. Salerno, Roma, v.3, pp. 11-52.
- CARDOSO, I. T. (2009). “*Theatrum mundi: Philologie und Nachahmung*”. In SCHWINDT, J. P. (ed.). *Was ist eine philologische Frage?*. Suhrkamp, Frankfurt, pp. 82-111.
- CONTE, G. B. (1994). *Latin literature: a history*. Johns Hopkins University Press, Baltimore; London.
- CUGUSI P. (1983). *Evoluzione e forme dell’ epistolografia latina nella tarda repubblica e nei primi due secoli dell’ Impero con cenni sull’ epistolografia preciceroniana*. Herder, Roma.
- GRIMAL, P ; SÈNECA L. A. (1966). *Sénèque: sa vie, son oeuvre avec un exposé de sa philosophie*. 3e ed. rev., Presses Universitaires de France, Paris.
- DE PIETRO, M. C. (2008). *Faces da “harmonia” nas Epistulae Morales de Seneca*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000441702>>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- DE PIETRO, M. C. (2013). *Noções estoicas de harmonia no De vita beata de Sêneca*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000902280>>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- FOWLER, D. (1997). “On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies”, *Materiali e Discussioni* 39, pp. 13-34.
- GOODYEAR, F. R. D. (ed.), (1965). *Incerti auctoris Aetna*. Cambridge University Press, Cambridge.
- GOOLD, G. P. (ed.); SENECA L. A. (1996). *Epistles*. Trad. by Richard M. Gummere. Harvard University Press, London.
- GRIMAL, P.; SÈNECA L. A. (1966). *Sénèque: sa vie, son oeuvre avec un exposé de sa philosophie*. 3e ed. rev., Presses Universitaires de France, Paris.
- HERRMANN, L. (1958) *Le Second Lucilius*. Latomus, Bruxelles.
- HICKS, E.; MOREAU, T. (ed.); ABELARDO P. (2007). *Lettres d’Abelard et Héloïse*. Trad. et annoté par E. Hicks et T. Moreau. Le Livre de Poche, Paris.
- MAURACH, G. (1970) *Der Bau von Senecas Epistulae morales*. Winter, Heidelberg.
- MAZZOLI, G. (1989). “*Le Epistulae morales ad Lucilium di Seneca*. Valore letterario e filosofico”, in : TEMPORINI, H. ; HAASE, W. (ed.) *Aufstieg und Niedergang der romischen Welt (ANRW)*. Walter de Gruyter, Berlin ; New York, NY. 1989, II.36.3, pp. 1860-63.

- PRÉCHAC, F.; SÊNECA L. A (2002). *Lettres à Lucilius*. Vol. 1. Introdução de F. L'Ivonnet, tradução de Henri Noblot. Les Belles Lettres, Paris.
- REYNOLDS, L. D (1983) "Seneca" in *Idem* (ed). *Texts and transmission: a survey of the Latin classics*. Oxford: Clarendon Press, Oxford, pp. 369-75.
- REYNOLDS, L. D (ed.); SENECA L. A. (1965). *Ad Lvcilivm epistvlae morales*. Oxford University Press, New York. Vol. 1.
- SCARPAT, G. (ed.); SENECA L. A. (1975). *Lettere a Lucilio*. Libro Primo (*Ep. I-XII*). Paideia Editrice, Brescia.
- SEGURADO E CAMPOS J. A. (trad.); SÊNECA L. A. (2004) *Cartas a Lucilio*. Gulbenkian, Lisboa.
- SILVEIRA, F. L. (2011). *Imagens da preceptiva e da dogmática na epístola 95 de Sêneca*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000938900>>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- SILVEIRA, F. L. (2014). *Praecepta e decreta na Epístola 94 de Sêneca*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=49302&opt=4>> Acesso em: 9 nov. 2015.
- STOCKINGER, M. (2015) *Vergils Gaben: Materialitat, Reziprozitat und Poetik in den Eklogen und der Aeneis*. Heidelberg: Winter, 2015.
- TRHAEDE, K. (1970). *Grundzüge griechische-römischer Briefepik*. Zetemata, München.